



PATRIMÔNIO URBANO E IDENTIDADES: reflexão sobre patrimônios culturais edificadas no Centro Histórico de Parintins/AM

Naia Maria Guerreiro Dias¹
Renan Albuquerque Rodrigues²

RESUMO: O *paper* foi construído a partir de resultados obtidos em pesquisa realizada pelo Programa Ciência na Escola, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (Fapeam). Buscou-se diálogo interdisciplinar acerca da temática, pois conhecer a história local pela lente do patrimônio requer apropriação de teóricos de diferentes áreas. Pretendeu-se trazer para o campo de discussões sujeitos históricos os quais muitas vezes encontram-se à margem da sociedade e ponderar sobre patrimônio em um contexto de globalização. Foi feito recorte temático para tratar de patrimônios materiais edificadas no centro de Parintins/AM.

Palavras-chave: Identidade; Patrimônio Cultural; Memória Social e História Local.

ABSTRACT:The paper was built starting from results obtained in research accomplished by the Programa Ciência in the School, of the Foundation of Help to the Research of the State of Amazon (Fapeam). interdisciplinary dialogue was Looked for concerning the theme, because to know the local history for the lens of the patrimony it requests appropriation of theoretical of different areas. He/she intended to bring for the field of discussions historical subjects which a lot of times are to the margin of the society and to meditate on patrimony in a globalization context. It was made thematic cutting to treat of material patrimonies built in the center of Parintins/AM.

Key-word: Identity; Cultural heritage; Social memory and Local History.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação Sociedade Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/Ufam) e Pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa FAPEAM, naia_dias@hotmail.com. Cel: 992328266

² Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (PPGSCA/Ufam)

1. PROBLEMA

Patrimônio Histórico é conceito utilizado na contemporaneidade e que se refere a algo que emite valor, significado, algo que identifica determinado grupo ou pessoa. Práticas de patrimonialização estão relacionadas à construção de identidades (CHOAY, 2001). O patrimônio cultural se divide em três categorias. O patrimônio ambiental, que se refere a recursos naturais; o patrimônio formado por tipos de conhecimentos, técnicas e saberes, ou seja, o conhecimento construído pela humanidade; e o patrimônio formado por bens culturais.

Em Parintins/AM, município onde foi desenvolvida a pesquisa, nota-se que existem patrimônios edificadas no centro da cidade – que foram o objeto de estudo – mas nem todos os abordados no estudo foram tombados, dado que parte deles está em estado de abandono, e muitos dos moradores atuais não demonstram quaisquer vínculos históricos ou afetivos com os mesmos. Alguns dos prédios antigos da cidade, que deveriam ter sido tombados e alvo de proteção legislativa, sofrem a ação do tempo e de maus tratos, descaracterizando-se e sendo destruídos em nome do “progresso”.

Tal problemática foi investigada no sentido de compreender i) se patrimônios elencados para o estudo possuem referência identitária para moradores locais, ii) se eles foram avaliados a partir de alguma política pública de preservação, e iii) se ações de educação patrimonial existem no município.

Desse modo, buscou-se fazer discussão acerca dos patrimônios culturais edificadas no centro histórico de Parintins/AM na perspectiva de refletir sobre a identidade cultural local.

2. METODOLOGIA

A pesquisa se enquadra no campo teórico da História da Cultura Material, a qual estuda objetos materiais em interação com aspectos concretos da vida (BARROS, 2005).

O método de pesquisa utilizado foi o Estudo de Caso, o qual segundo Michaliszyn e Tomasini (2005) “realiza estudo em profundidade de determinado caso ou grupo humano. Permite análise de instituições, de processos culturais e de todos os setores da cultura.”

Apropriou-se da História Oral como técnica de pesquisa. Como salienta Thompson (1993), a história oral configura-se como conjunto de procedimentos que

visa a condução de gravações, a transcrição, a textualização, a conferência de depoimentos e a autorização para uso.

Os instrumentos de pesquisas foram: entrevistas e diário de campo, bem como se versou sobre o uso de fontes materiais, bibliográficas e documentais sobre a temática em investigação.

Os sujeitos da pesquisa foram 5 moradores antigos na faixa etária de 60 a 80 anos, 2 descendentes de judeus, 1 secretário municipal de cultura e turismo e 10 moradores distribuídos na faixa etária de 10 a 40 anos.

Na realização do trabalho de campo buscou-se obter dados sobre patrimônios presentes no Centro Histórico de Parintins: Mercado Municipal, Palácio Cordovil, Cine Oriental, Cine Saul, Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Colégio Nossa Senhora do Carmo, Escola Estadual Araújo Filho, e Casarões dos Judeus Marroquinos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

As fontes orais têm se constituído nos últimos anos em alternativa de pesquisa histórica para estudos de cotidiano e imaginário. Tais fontes trazem à cena histórica pessoas excluídas e ajudam a apreender o espaço privilegiado deles (PORTELLI, 2000). A pesquisa tendeu a verificar o cotidiano dos parintinenses em relação aos patrimônios edificados no centro histórico do município de Parintins/AM.

Utilizaram-se narrativas orais (histórias de vida) e também documentos oficiais que tratam da temática, visando promover diálogo entre fontes e produzir informações sobre historiografia local. Recorreu-se a Halbwachs (1990), que discute relações entre memória coletiva, histórica e individual; Le Goff (1996), que faz metanálise de estudos de memória e história; e Thompson (1998), que sendo guia metodológico oferece vasta discussão sobre história oral e patrimônio.

Trabalhou-se com fontes amazonenses que evidenciam preocupações com memória social, patrimônio e história (BITTENCOURT, 2001; REIS, 1967; SAUNIER, 2003). Com base na perspectiva de Bittencourt (2001), em *Memória do Município de Parintins*, construíram-se significados acerca do Centro Histórico de Parintins, considerando o processo de crescimento e urbanização.

Procurou-se justificar que em Parintins não há costume de denominar para o trecho urbano em que se iniciou o processo de crescimento e urbanização de Centro Histórico, mas neste estudo optou-se fazer ensaio embasado nessa perspectiva.

Para obtenção e análise de dados, fez-se recorte temático e temporal para o estudo acerca dos patrimônios culturais edificados nas ruas Sá Peixoto, Boulevard 14 de Maio, Vieira Júnior, Rio Branco, Benjamin da Silva, Ruy Barbosa, Paes de Andrade, Faria Neto e Silva Meirelles, que constituem o centro histórico do município.

Foram descritas *a posteriori* as categorias de análise i) patrimônio, ii) memória e iii) identidade local. O disposto deu-se na perspectiva de compreender como moradores locais se relacionam com patrimônios em estudo. Inferiu-se que no cotidiano parintinense há identificação com os patrimônios: i) Colégio Nossa Senhora do Carmo; ii) Escola Estadual Araújo Filho; iii) Catedral de Nossa Senhora do Carmo; iv) Igreja Sagrado Coração de Jesus e v) Mercado Municipal.

3.1 Sobre os patrimônios

O prédio onde funciona a Escola Estadual Araújo Filho teve a construção iniciada no fim do século XVIII, quando Parintins ainda era o sítio Tupinambarana. De estilo seiscentista, tem o forro de cedro bordado, trabalhado em linhas geométricas; o piso, de madeiras nobres acapú e pau-amarelo; as janelas de frente com sacadas, cujas linhas foram trabalhadas com incisos; os porões são amplos com colunas de sustentação. Na frente, estão guardados registros históricos e, no passado, em um anexo dos fundos, funcionava o telégrafo.

Saunier (2003 pp. 129-131) destaca que

a história da instrução pública em Parintins se confunde com a história da Escola Estadual Araújo Filho. As deduções nos fazem crer que esse prédio abriga escolas desde 1853, ano oficial implantação do ensino público em Parintins, dirigida pelo Pe. Torquato Antônio de Souza, além de ter sido paço municipal e residência de Pedro Cordovil. o decreto nº 12 de 04 de fevereiro 1924 subvencionou as primeiras escolas do município sendo a Escola Araújo filho uma delas.

A partir do decreto nº 2.064/71, o prédio foi denominado de Subunidade Araújo Filho. Em 24 de março de 1980, por meio do decreto nº 4.870/80, foi instituída no local a Escola de 1º Grau Araújo Filho. No ano de 1989 foi denominada de Escola Estadual Araújo Filho com base no decreto nº 13.137, de 21 de junho de 1989. Em 1998, o prédio passou a fazer parte do Patrimônio Histórico do Município de Parintins. É um estabelecimento de ensino e patrimônio cultural conhecido pelos moradores locais e visitado por turistas, sendo referência da educação parintinense.

Os patrimônios Palácio Cordovil; Cine Oriental; Casa dos Maranhão e Cine Saul (já extinto) não têm se apresentado como referência cultural devido a inúmeros fatores, dentre eles destacam-se: ausência de políticas públicas voltadas para a educação patrimonial, fracos suportes ao estudo da história local em todos os níveis da Educação Básica e a supervalorização do Festival Folclórico como patrimônio cultural.

O Palácio Cordovil localiza-se na atual Praça Eduardo Ribeiro, também conhecida como Praça da Prefeitura. No prédio funcionou a prefeitura municipal de Parintins. O palácio cedeu espaço ainda para abrigar a Biblioteca Vera Lúcia Simplício, o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) e a Delegacia Militar, sendo espaço que guarda memórias sociais. Recebeu o nome de Palácio Cordovil em homenagem ao um administrador de Parintins, nos primórdios de sua fundação, segundo Reis (1967).

Sobre os casarões dos judeus, a pesquisa apontou que poucos comunitários conhecem a contribuição que eles tiveram na história local. No centro histórico, vários casarões pertencentes a judeus foram construídos e estes contribuíram e continuam contribuindo com o comércio, a política e com o desenvolvimento socioeconômico e cultural de Parintins.

Dados coletados por entrevista com Simão Assayag, de ascendência judia, apontam que a comunidade judaica contribuiu bastante para o desenvolvimento de Parintins. É notável nos dias atuais a estrutura e dimensão que tem o chamado “Casarão dos Judeus”, moradia de famílias judias que na cidade instalaram-se. (DIAS, 2014). Dentre as famílias judias que se estabeleceram em Parintins podem-se destacar os patronímicos: os Cohen, tendo como seu pioneiro Salomão Moisés Cohen, natural de Cabo Verde, que chegou por volta de 1890; e os Assayag, com Isaac Assayag e seu irmão Simão Assayag, nascido em Tetuan e chegados no final do século XIX.

Eles fundaram a firma “Assayag & Irmão”, compreendendo empório de estivas em geral (BENCHIMOL, 1998). As famílias Assayag, Cohen e Mendes, além de outras, não tinham sinagoga para celebrar cultos. Eles se reuniam em uma casa localizada na Praça do Cristo Redentor. Essas reuniões aconteciam na época do Yukipur – ritual realizado uma vez por ano para agradecer a Deus por coisas vivenciadas e vencidas.

Em relação à casa dos Maranhão, segundo Silva (2008) tem formas neoclássicas, com adornos de telhado em telhas de barro, assoalho de pau amarelo e tendo amplas e confortáveis dependências. Era local muito frequentado por conta de festas sociais e momentos de oração. Pois a família Maranhão primava pela formação educacional das pessoas. Beatriz Maranhão, uma das filhas de Afonso e de Dona Iaiazinha, foi pioneira do ensino primário em Parintins. Em sua homenagem, o município de Parintins fundou a Escola Municipal Beatriz Maranhão.

Edda Meirelles, em seu livro *Ecoss da Saudade* (2008) enfatiza que por tudo o que representou essa casa já deveria ser um patrimônio cultural local. Entretanto, nos dados obtidos na pesquisa não foi registrado tombamento do lugar como patrimônio cultural, tampouco divulgada aos moradores a sua importância sociohistórica e por isso pouca referência tem para a identidade cultural local.

Por sua vez, os cinemas de Parintins – Cine Saul e Oriental – marcaram a vida de muitas pessoas nas décadas de 1960, 1970 e 1980 (SILVA, 2008). Em entrevistas com pessoas que vivenciaram a época, percebeu-se que os patrimônios tiveram grande contribuição para a formação da identidade cultural local, mas que devido encontrarem-se abandonados hoje pouca importância é dada a esses lugares.

O Cine Saul, de acordo com Teixeira (2007), ficava situado na rua Faria Neto, próximo à praça Eduardo Ribeiro. Quando de propriedade dos senhores Pedro Dantona e Emílio Silva, tinha o nome de Cine Teatro Brasil. Sua construção foi orientada por Pe. Vitor Heinz e tinha a fachada em estilo grego simplificado. Funcionava com máquinas de 16 mm. Também foi denominado de Cine Moderno. Somente na década de 1970, quando José Saul o comprou, passou a chamar-se Cine Saul. Esse cinema estimulou bastante o desenvolvimento de artistas locais, pois esporadicamente eram realizados nesse espaço shows produzidos.

Em 25 de dezembro de 1964 Alberto Kimura inaugurou um dos mais belos patrimônios de Parintins, o Cine Oriental. Localizado no centro da cidade, o Cine Oriental foi inicialmente chamado de “Cine Orientalzinho” ou Cine Oriental I. Com o tempo, foi ganhando investimentos na infraestrutura, para conforto e comodidade à população. A estrutura física do prédio compreendia 10 m de largura por 33m de fundo e tinha capacidade para 150 cadeiras.

O Cine Oriental se transformou em um agente cultural em Parintins. Além de ser espaço de diversão, era local de encontros, paqueras e convívio social. Teve

apogeu na década de 1970. Fatores que levaram à decadência estão elencados: aquisição de recursos tecnológicos pela população, aparecimento da luz elétrica e principalmente a TV. O transporte dos filmes demorava para ser efetivado e quando as películas chegavam os filmes já tinham sido exibidos na TV. O estabelecimento funcionou por quase quatro décadas e fechou as portas em 1998.

Quanto ao mercado municipal, segundo Bittencourt (2001), o município de Parintins em 1894 já possuía edifício construído de pedra e tijolo onde funciona o mercado municipal. Localizado à margem do rio Amazonas, foi fundado na administração do prefeito João da Silva Melo, em 1931. Possui linhas arquitetônicas coloniais e encontra-se até hoje com as mesmas características. Serve de referência à população, pois oferece grande variedade de produtos e serviços. É ponto turístico bastante visitado no mês de junho, semana que antecede ao Festival de Parintins.

A Escola Estadual Araújo Filho e o Colégio Nossa Senhora do Carmo, assim como as Igrejas do Sagrado Coração de Jesus e a Catedral de Nossa Senhora do Carmo, são patrimônios que estão em bom estado de conservação, e constantemente a população local revalida o reconhecimento deles como prédios que compõem a identidade da população.

Sobre o tema, atualmente os patrimônios passaram a serem valorizados em função da composição de sua história. Passou-se a constituir coleção simbólica unificadora, que procura dar base cultural identitária a todos, embora grupos sociais e étnicos presentes em um mesmo território fossem diversos. O patrimônio é construção social de importância política. (PAIM, 2010).

Por outro lado, por Parintins ser cidade conhecida mundialmente pelo festival folclórico, um patrimônio cultural mais evidente, difundiu-se a concepção de que somente a manifestação caracteriza a população local. Trata-se de uma ideia equivocada e pouco efetiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parintins/AM é considerada cidade turística – em decorrência do festival folclórico. Mas conhecer melhor a história local por parte de seus habitantes torna-se fundamental. Doutra forma, como apresentar a cultura e a identidade sem alcançar os elementos que a constituem?

A pesquisa sobre a referência que os patrimônios materiais edificadas no centro histórico do município têm para a formação da identidade local configurou-se

como uma possibilidade de estudar a cidade em se vive. Olhar a cidade e observar o habitat implicou pensar intenções de seus construtores.

As fachadas dos prédios históricos pesquisados, o material da época usado para sua construção, entre outros, tornaram-se elementos que permitiram diálogo entre história e memória, entendendo a sutileza da realidade cotidiana e das vivências dos múltiplos atores que ali circulam, compondo cenários baseados na diversidade cultural, econômica, arquitetônica, política e social.

Desse modo, entendeu-se que a educação para a memória e para o patrimônio proporciona a diversos públicos a possibilidade de interpretar bens culturais, atribuindo-lhes diversos significados, motivando-os a exercerem cidadania e responsabilidade social em compartilhar, preservar, valorizar os patrimônios tanto materiais quanto imateriais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D'Assunção. O Projeto de Pesquisa em História: Da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

BENCHIMOL, Samuel. Eretz Amazônia. Os judeus na Amazônia. Manaus: Valer: 1998.

BITTENCOURT, Antônio C. R. Memória do Município de Parintins: estudos históricos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material. Manaus: Gov. do Estado do Amazonas-SECTD, 2001.

BURKE, Peter. O que é história cultural? Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CERQUA, Dom Arcângelo. Clarões de fé no Médio Amazonas. 2.ed. Manaus: Prograf, 2009.

CHARTIER, Roger. A História Cultural. Entre práticas e representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil. S.A, 1988.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *IN: Revista Annales. Nov-Dez. 1989, Nº 6.*

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Editora Unesp, 2001, p.128-142.

DIAS, Naia Maria Guerreiro. Patrimônio, memória e gestão: uma nova imagem de Parintins-Am. Parintins: João XXIII, 2014.

GRUNBERG, Evelina. Manual de Atividades Práticas de educação patrimonial. Brasília-DF: IPHAN, 2007.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Revista dos tribunais, 1990.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras et al. Guia básico de Educação Patrimonial. Brasília: IPHAN, 1999.

HUNT, Lyn. A nova história cultural. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LE GOFF, Jacques. História e memória. 4. Ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

MICHALISZYN, Sergio Mario; TOMASINI, Ricardo. Pesquisa: Orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos. Petrópolis. Vozes, 2005.

PAIM, Elison Antonio. Lembrando, eu existo. Brasília: MEC, 2010.

Portelli, Alessandro. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: Ferreira, Marieta de Moraes (org.) História oral: desafios para o

século XXI. Rio de Janeiro : Editora Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC - Fundação Getulio Vargas, 2000.

REIS, Arthur César Ferreira. As origens de Parintins. Manaus: Governo do Estado do Amazonas-Palácio Rio Negro, 1967.

SANTOS, Márcio. História da Amazônia. Manaus: Valer, 2009

SILVA, Edda Meirelles da. Ecos da Saudade. Manaus: Edições do Autor, 2008.

SOUZA, João Jorge. Parintins, a ilha do folclore: notícias históricas, folclore, crônicas. Manaus: Grafitec, 1987.

TEIXEIRA, Paulo Lobato. A Longa Caminhada. Parintins, Edição do autor, 2007.

THOMPSON, P. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

VIERA, Maria do Pilar de Araújo. et al.. A Pesquisa em História. São Paulo: Ática, 1999.